

“P[e]neu”, “Ad[e]vogado” e “Af[e]tosa”: o abaixamento das vogais suarabácticas nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

“P[e]neu”, “Ad[e]vogado” and “Af[e]tosa”: the lowering of the suarabácti vowels in data of the Linguistic Atlas Project of Brazil

Valter Pereira **Romano***
Rodrigo Duarte **Seabra****

Resumo: Este artigo traz reflexões acerca da epêntese vocálica no Português Brasileiro, em especial, sobre o fenômeno fonético-fonológico conhecido como suarabácti, que consiste na inserção de uma vogal epentética para desfazer encontros consonantais impróprios. Utiliza-se como *corpus* de análise dados que integram o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coletados em dois estados federativos, Paraná e São Paulo, junto a 220 informantes estratificados, equitativamente, segundo as variáveis sexo (homem e mulher) e faixa etária (faixa 1: 18 a 30 anos / faixa 2: 50 a 65 anos), todos com escolaridade máxima até o 9º ano do Ensino Fundamental. Foram selecionadas três questões do Questionário Fonético-Fonológico, a saber: 54 (AFTOSA), 72 (PNEU) e 101 (ADVOGADO) e tratadas a partir dos procedimentos teóricos e metodológicos da Dialetoлогия e da Sociolinguística variacionista, por meio de gráficos, cartas linguísticas e análise segundo resultados obtidos no Programa *GoldVarb* (2001), considerando-se o cruzamento e variáveis linguísticas e extralinguísticas na realização da regra variável, abaixamento da vogal [i] > [e].

* Doutorado em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Docente na Universidade Federal de Lavras – UFLA. Contato: valter.romano@hotmail.com.

** Doutorado em Ciências pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Docente na Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Contato: rdsea@hotmail.com.

Palavras-chave: Vogais suarabácticas. Abaixamento vocálico. Projeto ALiB.

Abstract: This research reflects on the vowel epenthesis in Brazilian Portuguese, especially on the phonetic-phonological phenomenon known as suarabácti, which consists in the insertion of a epenthetic vowel to undo inappropriate consonant clusters. We use as corpus the data that make up the database of the Linguistic Atlas Project of Brazil, collected in two federal states, Paraná and São Paulo, with 220 stratified informants equally according to the variables gender (male and female) and range age (range I: 18 to 30 years/ range II: 50 to 65 years), all with maximum education until the 9th grade of elementary school. Three issues of Phonetic-Phonological Questionnaire were selected, namely: issue 54 (AFTOSA), 72 (PNEU) and 101 (ADVOGADO) and they were treated from the theoretical and methodological aspects of Dialectology and of variationist Sociolinguistics through graphics, linguistic maps and analysis according to the results obtained from the *GoldVarb* Program (2001), considering the intersection and linguistic and extralinguistic variables in the occurrence of the variable rule, vowel lowering [i] > [e].

Keywords: Suarabácti vowels. Vowel lowering. ALiB Project.

Introdução

A epêntese é um fenômeno fonético-fonológico atestado diacronicamente na história das línguas românicas e, atualmente, se encontra presente no Português Brasileiro, doravante PB. Coutinho (1976) a classifica dentro dos metaplasmos por aumento, em que há o “acrécimo de fonema no interior de palavras, exs.: pign(o)ra > pendra (arc.) (>prenda), um(e)ru > ombro, area (<arena) > areia [...]” (COUTINHO 1976, p. 146).

A epêntese vocálica, em especial, apresenta particularidades que se manifestam também na “intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes” (CARVALHO; NASCIMENTO (1984, p. 36), como se observa na passagem do latim para o português em: planu > prão > porão; blatta > brata > barata; grupa (kruppa-germânico) > garupa.

Segundo Coutinho (1976, p. 147), a esse tipo de epêntese especial dá-se o nome de anaptixe ou suarabácti, encontrados já em vocábulos do português arcaico como *carônica* (arc.) por *crônica*, cujo vocábulo atual não evidencia mais o fenômeno.

O presente artigo aborda a qualidade da vogal suarabáctica (alta ou média) no *corpus* coletado pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em 17 cidades paranaenses e 38 municípios paulistas, junto a indivíduos naturais das localidades com, no máximo, nível fundamental de escolaridade.

Para tanto são utilizados, como método de análise e descrição, ferramentas computacionais que facilitam o tratamento dos dados: o [SGVCLin] – *Software para geração e visualização de cartas linguísticas* (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014) e o *GoldVarb 2001* (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

No âmbito da literatura da área, o artigo traz reflexões sobre as diferentes abordagens dadas ao fenômeno que, mesmo sendo investigado pelos estudiosos que se dedicam ao tema, carece de abordagens que detalhem a qualidade desta vogal, em especial, o abaixamento da vogal epentética alta [i] para média alta [e], correlacionando ao fenômeno variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Na sequência, apresenta-se a revisão da literatura sobre a epêntese, seguindo-se a descrição dos materiais e métodos utilizados no estudo. A seção 3 apresenta a descrição e análise do *corpus*, seguida de algumas conclusões e as referências bibliográficas.

1 Estudos sobre a Epêntese

Camara Jr. (1977, p. 57), ao tratar sobre as estruturas silábicas do português, atesta a presença de uma vogal nos encontros consonantais de vocábulos como *compacto*, *apto*, *ritmo*, *afra*, insistindo que a epêntese, nesses contextos, não pode ser fonemicamente desprezada, “apesar da tendência a reduzir a sua emissão no registro formal da língua culta. Ela é /i/ na área do Rio de Janeiro e /e/ ([a] neutro em Portugal)”.

Para Cagliari (1981, p. 107), algumas palavras no português brasileiro variam foneticamente, podendo ter uma sílaba a mais ou a menos dependendo da ocorrência de uma vogal breve e átona, em geral [i], “entre

uma oclusiva, uma nasal bilabial e uma fricativa alveolar por um lado, e outra consoante por outro lado”. O autor ilustra as ocorrências com exemplos e apresenta os segmentos consonantais que podem facilitar a inserção da vogal e afirma que a vogal “pode se realizar com uma qualidade mais baixa e mais central [ə] sempre que ocorrer uma oclusiva velar precedendo-a sendo seguida por uma oclusiva alveolar surda ou por uma nasal alveodental”, como em: [fa-ki-tu-aw] ~ [fa-kə-tu-aw]; [a-ki-ni] ~ [a-kə-ni], concluindo que a formação do tipo de encontros consonantais descritos mostra a variabilidade das formas fonéticas de muitas palavras refletidas nas pronúncias dos falantes. “Foneticamente, o caso é simples; ou ocorre a vogal ou não ocorre” (CAGLIARI 1981, p. 109).

Lee (1993), sob a perspectiva da teoria da sílaba e da fonologia lexical, considera que a epêntese no português é sempre realizada fonologicamente como /e/ mas, dependendo do contexto, pode ocorrer o alçamento para /i/. Para discussão dos dados e defesa de seu posicionamento, o autor apresenta uma série de exemplos sobre a estrutura silábica no português, e no que se refere à inserção de vogal epentética, em vocábulos que possuem *ontset* /pn/, a vogal /e/ é inserida entre duas consoantes a fim de se evitar a colisão na hierarquia da sonoridade, de modo a obter a eufonia.

Collischonn (1996) discute, também sob a luz da teoria da sílaba, três casos do fenômeno em português, em meio de palavra de consoantes tautosilábicas (rpto), depois de consoante final (VARIG) e diante de grupo consonantal (spa). A autora não se detém na qualidade desta vogal, se alta, média-alta ou baixa central, restringindo-se a apresentar aplicabilidade da teoria nos padrões silábicos encontrados. Estudos posteriores sobre a epêntese vocálica foram realizados por Collischonn (2000, 2002, 2003, 2004), sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, com base nos dados do Projeto VARSUL, considerando também teorias fonológicas

Massini-Cagliari (2000) discute a epêntese vocálica com vistas a comparar e distinguir a epêntese e a paragoge¹ no português arcaico extraído a partir de cantigas trovadorescas. Em seu estudo, conclui que os dois processos se diferenciam, uma vez que a epêntese se destina a ‘corrigir’

¹ “Paragoge ou epêntese é a adição de fonema no fim do vocábulo; ex.: ante > antes” (COUTINHO, 1976, p. 147).

estruturas silábicas no início ou no meio do vocábulo, enquanto a paragoge altera a estrutura que já apresenta boa formação em posição final. Ainda sobre a epêntese vocálica, com o foco no estudo da paragoge, encontram-se os trabalhos de Massini-Cagliari (2006), Migliorini (2010) e Migliorini e Massini-Cagliari (2011).

Ou seja, embora Camara Jr (1977), Cagliari (1981) e Lee (1993) já apontassem para a existência de uma vogal anapítica variável quanto à sua qualidade (alta, média ou central), os trabalhos mais recentes que visam a descrever o fenômeno com base em *corpora* distintos não se detêm na qualidade dessa vogal. Todavia, no cenário nacional, trabalhos gerais sobre o português, bem como os primeiros trabalhos de cunho dialetológico, que remontam ao início do século XX, documentam a presença da vogal e suas diferentes qualidades.

Teysier (1994, p. 82) considera o fenômeno na categoria dos aspectos inovadores da fonética brasileira, afirmando que “os grupos consonantais que ocorrem em certas palavras de origem erudita (ex.: admirar, advogado, observar, psicologia, ritmo) são eliminados pelo aparecimento de um *i*, mais raramente de um *e*: adimirar, adivogado ou adevogado, obisservar, pissicologia, rítimo”. Já Boléo (1943), em sua clássica obra, *Brasileirismos: problemas de método*, afirma que

a eliminação de alguns grupos consonânticos por meio de um *e* anapítico também não é facto peculiar ao Brasil. É possível (não posso asseverar) que a introdução de um *i* para desfazer os grupos seja desconhecida em Portugal: é o caso de palavras como *abissolutamente*; mas já o mesmo não se verifica com respeito ao *e* anapítico. [...] Não é raro ouvirem-se na linguagem familiar e, sobretudo, na popular, pronúncias como *felor*, *belusa*, *guelória*, *adevogada nossa*. A única diferença está em que na fala brasileira este *e* é mais fechado e mais demorado, podendo passar a *i*: Quelemência (Clemência), quilaridade (claridade) (BOLEO, 1943, p. 24).

Cunha (1986) discute, além de outros aspectos, traços de inovações do português brasileiro observados na fonética e na morfossintaxe. Dentre os inúmeros fatos apresentados, encontra-se a “intercalação de um *i* ou de

um *e* para desfazer certos grupos consonânticos: advogado por advogado, peneu por pneu” (CUNHA, 1986, p. 209), embora o autor reconheça que “o fenômeno da anaptixe ocorre em alguns falares e em certos tipos de elocução do português europeu, mas tudo faz crer que seja uma solução paralela à brasileira” (CUNHA, 1986, p. 223).

Noll (2008) afirma que “a tendência ampliada, na língua coloquial brasileira, de desfazer *clusters* consonantais que se encontram em limite silábico, por meio de uma vogal epentética, é indício para o desenvolvimento lingüístico determinado, em primeiro plano, pelo uso oral” (NOLL, 2008, p. 228). Assim, a epêntese vocálica corresponde aos princípios da hierarquia sonora e da lei de contato entre sílabas, uma vez que “certos encontros consonantais em construções eruditas da tradição escrita ou em estrangeirismos são sentidas como alheias ao sistema do português” (NOLL, 2008, p. 228).

Noll (2008) assevera que a dissolução de encontros consonantais já é conhecida nos primórdios da história do português e que a epêntese também pode ser reconhecida no português europeu, não se tratando, portanto, de influência primária de línguas africanas ou indígenas nesse caso. O autor constata a epêntese vocálica em textos setecentistas onde já se observava o vocábulo *adeministra* por *administra*. Nas palavras do pesquisador, “Esse testemunho é interessante porque demonstra que a epêntese também fazia parte da fala de pessoas instruídas” (NOLL, 2008, p. 228), inclusive, é encontrada em textos literários.

Para Elia (1963), a epêntese nos grupos consonantais impróprios é uma tendência geral do português do Brasil e revela a repugnância pelas sílabas fechadas por consoantes. De acordo com o estudioso, “No período românico, tal repugnância se traduzia pelo embebedimento da primeira consoante na segunda (assimilação regressiva), tipo *septe – sette – sete; ipse – esse – êsse*; ou então, pela vocalização da primeira consoante, como em *octo – oito*” (ELIA, 1963, p. 273).

Depois de constituída a língua portuguesa, duas tendências diversas passaram a atuar: uma em Portugal, com a valorização da consoante, e outra, no Brasil, com a valorização da vogal. Ou seja, tendência ao apagamento da vogal no português europeu ao passo que, no português do Brasil, o segmento vocálico tornou-se mais distinto, excetuando-se as tônicas igualmente distintas em ambos os países. Segundo o autor,

valoriza-se a consoante em Portugal, nos grupos consonantais, mediante o acréscimo, por assim dizer, de um /e/ brevíssimo, que não chega a permitir a constituição de uma sílaba. No Brasil, ao contrário, a palavra ganha facilmente uma sílaba. Tal fato se dá inclusive entre pessoas cultas. Entre nós [brasileiros], p. ex. o normal é ouvir-se a pronúncia ‘pissicologia’ em vez de psicologia (ELIA, 1963, p. 273).

Elia (1963) prossegue sua argumentação utilizando-se de observações feitas por Souza da Silveira acerca da tonicidade dos vocábulos no português. Assim, segundo a pauta prosódica do português brasileiro, os vocábulos em que ocorrem encontros consonantais impróprios ganham mais uma sílaba e o acento secundário recai sobre a vogal epentética.

O autor conclui não ser preciso apelar para influxos afro-índios na realização deste fenômeno fonético, uma vez que “a pronúncia distinta, clara, das vogais é a tradição mais antiga da língua portuguesa” (ELIA, 1963, p. 274), reconhecida por eminentes filólogos como Gonçalves Viana, e constatada como fenômeno românico que ocorreu inclusive no próprio latim. Desse modo,

A debilidade das consoantes pós-vocálicas no português oral do Brasil faz com que, mesmo na pronúncia das pessoas cultas, sejam desmanchados os grupos cuja segunda consoante não seja uma líquida (l ou r). Por isso a tendência é dizer adevogado, objetto, iguinar, adimirar, dóguima, rítimo, pissicose (ELIA, 1963, p. 293).

Elia (1963) salienta, no entanto, que em grupos próprios, as classes cultas não fazem a epêntese. O mesmo não se dá nas classes populares, onde se ouve: *gulória, quilaridade, reculuta (recruta), quelemente (Clemente)* etc., consideradas por Silva Neto (1950) como fruto da pronúncia relaxada a interposição de uma vogal suarabática para desfazer certos grupos consonânticos.

A obra inaugural da dialetologia brasileira, *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, de 1920, apresenta, mesmo que brevemente, casos de epêntese vocálica na pronúncia do caipira do interior de São Paulo, em vocábulos como “*rec-u-luta, Ing-a=laterra, g-a-rampo*” (AMARAL, 1982, p. 54).

Antenor Nascentes (1953), em *O Linguajar Carioca*, cuja primeira edição remonta ao ano de 1922, por sua vez, traz um panorama mais abrangente

sobre o fenômeno, definindo o segmento vocálico inserido para desfazer encontros consonantais como ‘vogal parasitária’. De acordo com Nascentes (1953, p. 57), “Em Portugal a realização chega quase à perfeição, porque a língua possui o *e* brevíssimo que falta ao Brasil”.

Para este estudioso, as vogais parasitárias são três: *e*, *i* ou *u* cujo uso está associado às classes incultas da sociedade, uma vez que esta “não nutre preocupações de boa pronuncia, intercala francamente uma vogal sem caráter de parasitaria e sim com o de uma vogal normal, a classe semiculta deixa ouvir a vogal parasitaria com menos intensidade do que a classe inculta” (NASCENTES, 1953, p. 57).

Pautando-se em Camara Jr., Nascentes afirma que a persistência do /e/ em vez do /i/ ou do /o/ em vez do /u/, é determinada pela natureza da vogal tônica com que a vogal átona tende a harmonizar-se em abrimento bucal. “É por este motivo que encontramos as formas populares *penen*, *adevogado* com suarabácti de um /e/ fechado e, por outro lado, *abissoluto*, onde o /u/ tônico da penúltima sílaba regula o timbre da pretônica imediata e determina o timbre de /i/ para a vogal anapítica” (NASCENTES, 1953, p. 59-60).

Clóvis Monteiro (1933), em *Linguagem dos Cantadores*, cujo corpus refere-se à língua falada no Ceará, declara que, no meio de palavras, “evita-se o encontro de consoantes pertencentes a sílabas diferentes mediante a interposição de uma vogal: objeto-obijeto, admira-adimira, ignorar-ignorá(r), advogado-adèvogado” (MONTEIRO, 1933, p. 61).

Marroquim (1934), em *A Língua do Nordeste*, baseando-se na linguagem de Alagoas e Pernambuco, aponta que “um fenômeno geral de dialeção popular é o desdobramento de grupos consonantais pelo acréscimo de uma vogal entre dois fonemas” (MARROQUIM, 1934, p. 82), acrescentando que

As classes cultas em certas palavras também dividem os grupos consonantais acrescentando um *i*: obicecação, abidicar, subijugar (o povo pronuncia sujigar), obinubilação, abistencção, obiturar, óbivio [...] adivogado ou adevogado, dóguima, aguínóstico, minemônica, aquicepção, pineumonia piscicóse, apitidão, néquiso, rítimo (MARROQUIM, 1934, p. 85).

Sobre a língua falada em Minas Gerais, Teixeira (1938) também arrola uma série de encontros consonantais nos quais se intercalam vogais, denominado pelo estudioso como abrandamento. Neste abrandamento dos encontros consonantais, ocorrem também a vogal média [e] e a alta [i], como em *adivogado* > *adevogado* e *pineumonia* > *peneumonia* (TEIXEIRA, 1938, p. 21-22).

Conforme se observa na literatura da área, o fenômeno da suarabácti é comum tanto no português brasileiro quanto no português europeu, com a tendência à redução da vogal em Portugal e presença de uma vogal alta no Brasil e está presente em diferentes regiões do país. O foco deste artigo recai sobre o comportamento desta vogal epentética que, no *corpus* analisado, ou ocorre como vogal média alta anterior [e] ou como alta anterior [i], associando-se ao perfil dos informantes.

2 Materiais e Métodos

O *corpus* analisado refere-se à língua falada por brasileiros naturais de dois estados, Paraná e São Paulo, coletados pela equipe do Projeto ALiB em 55 municípios. No Paraná, a rede de pontos é composta por 17 cidades e, em São Paulo, por 38². Em cada um dos municípios foram entrevistados quatro informantes naturais da região linguística, tendo como nível máximo de escolaridade o ensino fundamental (9º ano). Assim, em cada ponto linguístico, tem-se um homem e uma mulher de 18 a 30 anos (faixa 1) e um homem e uma mulher de 50 a 65 anos (faixa 2), totalizando 220 informantes³.

Nesta oportunidade, selecionaram-se três questões do Questionário Fonético-Fonológico (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001): Questão 54 (AFTOSA), Questão 72 (PNEU) Questão 101 (ADVOGADO). Estas perguntas buscam documentar a presença ou não de uma vogal suarabáctica para desfazer os encontros consonantais impróprios: *ft*, *pn* e *dv*.

Após transcrição e revisão dos dados, de acordo com o material disponível no banco de dados ainda inédito, constata-se que houve a ocorrência

² A listagem completa da rede de pontos do Projeto ALiB pode ser consultada em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/rede_de_pontos_.pdf>

³ Nas capitais de cada estado, foram entrevistados também quatro informantes de nível superior, cujos dados não são utilizados neste trabalho.

da vogal epentética em todos os inquéritos, seja com a realização da vogal alta anterior [ɨ] ou da vogal média anterior [e], tratando-se, portanto, de uma regra categórica no *corpus* analisado. Focaliza-se, desse modo, como regra variável, o abaixamento da vogal em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os dados foram armazenados no programa [SGVCLin] – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014) e a análise foi realizada sob duas perspectivas:

- Tratamento quantitativo, considerando-se a distribuição diatópica por meio de cartas linguísticas, bem como sua distribuição em dados percentuais e relativos segundo variáveis extralinguísticas (sexo, idade e estado);
- Tratamento estatístico no software *GoldVarb 2001*, considerando-se variáveis linguísticas e extralinguísticas, que podem ou não influenciar na aplicação da regra [i] > [e]. Consideram-se como variáveis independentes os seguintes grupos de fatores:
 - a) **Extralinguísticos:** (i) sexo; (ii) faixa etária; (iii) estado;
 - b) **Linguísticos:** (iv) posição no vocábulo (inicial ou medial); (v) contexto precedente (fricativa lábio-dental surda, oclusiva bilabial surda, oclusiva alveolar sonora, africada alveopalatal surda, fricativa lábio-dental sonora); (vi) contexto seguinte (oclusiva alveolar surda, nasal alveolar sonora, fricativa lábio-dental sonora) e (vii) item lexical (aftosa, pneu, advogado).

3 Análise dos Dados

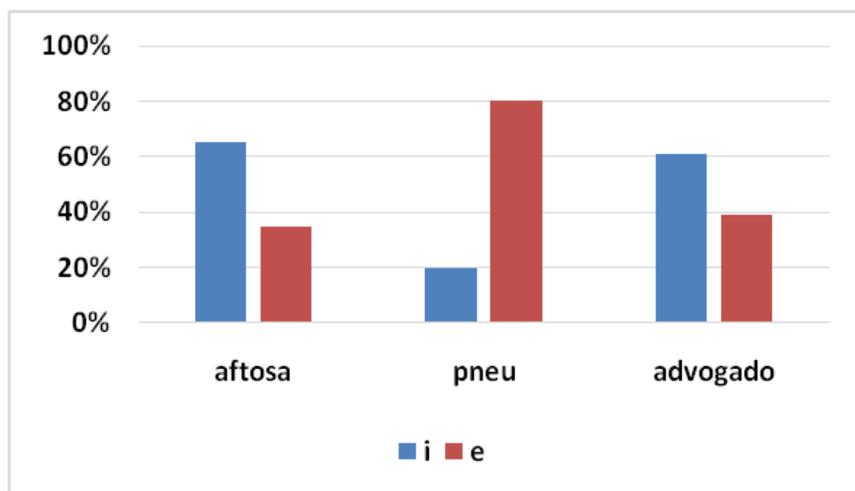
No *corpus*, observa-se baixo índice de abstenção de respostas, sendo registradas 612 ocorrências distribuídas entre as duas variantes: 333 registros de [e] e 309 de [ɨ]. Ou seja, ocorre, predominantemente, a vogal média como vogal suarabática. No entanto, verifica-se a presença de variantes fonéticas e morfofonêmicas para cada um dos três vocábulos.

Para a questão 54, documentaram-se 11 variantes, perfazendo o total de 204 ocorrências: [afi'tɔzə] (98 ocorrências), [afe'tɔzə] (38), [fe'tɔzə] (20), [afi'tɔzi] (13), [fi'tɔzi] (12), [afe'tɔzi] (6), [fe'tɔzi] (6), [efi'tɔzə] (2), [ve'tɔzi] (1) e [vi'tɔzi] (1).

Para a questão 72, documentaram-se cinco variantes: [pe'new] (98 ocorrências), [pi'new] (40), [pe'news] (5), [pi'news] (3), [pi'newsʃ] (1), que totalizam 219 registros.

Para a questão 142, registraram-se oito variantes: [adzivo'gadu] (105 ocorrências), [adevo'gadu] (71), [dzivo'gadu] (14), [devo'gadu] (14), (11), [divo'gadu] (2), [adzivo'gadus] (1), [dzivo'agadu] (1), totalizando 219 ocorrências.

As diferentes realizações morfofonêmicas dos itens não foram consideradas, pois o objetivo principal é discutir a qualidade da vogal suarabáctica nos encontros consonantais impróprios *ft*, *pn* e *dv*. A Figura 1 ilustra a distribuição percentual dessas vogais de acordo com os vocábulos.



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB (2014) - [SGVCLin][®]

Figura 1: Percentual das vogais suarabácticas [i] e [e] por vocábulo

Observa-se que em *aftosa* e *advogado* predomina a vogal alta anterior [i] (65,20% e 60,73%, respectivamente). Este comportamento, porém, se inverte em *pneu*, no qual se verifica a predominância da vogal média alta anterior [e] em 80,37% das respostas. O segundo item lexical que mais apresenta a realização da vogal [e] é *advogado* (39,27%). Em *aftosa*, a vogal média figura em, aproximadamente, 35% das realizações.

3.1 Faixa etária e sexo

Esta distribuição percentual, por sua vez, também se associa ao perfil dos informantes. A Tabela 1 apresenta a produtividade dessas vogais considerando as faixas etárias e os itens lexicais.

Tabela 1: Produtividade das vogais por vocábulo e faixa etária

		[ɨ]	[e]	Total
<i>Aftosa</i>	Faixa 1	85, 87% (79)	14, 13% (13)	92
	Faixa 2	51, 79% (58)	48, 21% (54)	112
Total		137	67	204
<i>Pneu</i>	Faixa 1	22, 73% (25)	77, 27% (85)	110
	Faixa 2	16, 51% (18)	83, 49% (91)	109
Total		43	176	219
<i>Advogado</i>	Faixa 1	81, 65% (89)	18, 35% (20)	109
	Faixa 2	40% (44)	60% (66)	110
Total		133	86	219

Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) - [SGVCLin][®]

A Tabela 1 mostra que, para *aftosa*, os informantes da faixa 1 utilizam com mais frequência a vogal [ɨ] (85,87%), ao passo que, entre os informantes da segunda faixa, há maior equilíbrio entre a realização da vogal alta (51,79%) e média (48,21%). Nesta faixa, a diferença reside apenas em quatro registros a mais de [ɨ] em relação ao [e], conforme se observa pelo número de ocorrências expressas entre parênteses. Para *pneu*, em ambas as faixas, predomina o uso da vogal [e]. O vocábulo *advogado*, por sua vez, apresenta comportamento análogo à *aftosa*, predominando a vogal alta entre os informantes da primeira faixa (81,65%) em face de 18,35% dos informantes dessa faixa que utilizam a vogal média. No entanto, entre os informantes da faixa 2, nota-se uma inversão na distribuição de ambas as variantes, uma vez que mais da metade dos informantes com este perfil prefere o uso de [e] a [ɨ] (60% e 40%, respectivamente). A Tabela 2 apresenta a produtividade das variantes considerando-se os sexos e os vocábulos.

Tabela 2: Produtividade das vogais por vocábulo e sexo

		[ɨ]	[e]	Total
<i>Aftosa</i>	<i>Masculino</i>	61, 68% (66)	38, 32% (41)	107
	<i>Feminino</i>	69, 07% (67)	30, 93% (30)	97
	<i>Total</i>	133	71	204
<i>Pneu</i>	<i>Masculino</i>	21, 82% (24)	78, 18% (86)	110
	<i>Feminino</i>	17, 43% (19)	82, 57% (90)	109
	<i>Total</i>	43	176	219
<i>Advogado</i>	<i>Masculino</i>	57, 80% (63)	42, 20% (46)	109
	<i>Feminino</i>	63, 64% (70)	36, 36% (40)	110
	<i>Total</i>	133	86	219

Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) - [SGVCLin][®]

Observa-se que, para *aftosa*, predomina o uso da vogal [ɨ] tanto entre os homens (61,68%) quanto entre as mulheres (69,07%). Verifica-se também que a vogal média, proporcionalmente à vogal alta, ocorre com maior produtividade entre os homens (38,32%), diminuindo sua ocorrência entre as mulheres. Para *pneu*, a vogal média é predominante, sendo, contudo, mais produtiva entre as mulheres (82,57%). Proporcionalmente, há menor incidência da vogal alta entre as informantes femininas, apresentando-se mais produtiva entre os informantes masculinos (21,82%). Quanto ao vocábulo *advogado*, o uso da vogal alta [ɨ] se sobressai, principalmente, entre as mulheres (63,64%). Neste vocábulo, a vogal média é mais produtiva entre os homens (42,20%).

3.2 Distribuição diatópica

Em números absolutos e relativos, a Tabela 3 apresenta a distribuição das ocorrências de acordo com os estados e os vocábulos.

Tabela 3: Produtividade das vogais por vocábulo e estado federativo

		[j]	[e]	Total
<i>Afiosa</i>	SP	72, 03% (103)	27, 97% (40)	143
	PR	49, 18% (30)	50, 82% (31)	61
Total		133	71	204
<i>Pneu</i>	SP	21, 05% (32)	78, 95% (120)	152
	PR	16, 42% (11)	83, 58% (56)	67
Total		43	176	219
<i>Advogado</i>	SP	67, 76% (103)	32, 24% (49)	152
	PR	44, 78% (30)	55, 22 (37)	67
Total		133	86	219

Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) - [SGVCLin][®]

Observa-se que os estados apresentam comportamento diferenciado quanto à produtividade das vogais alta e média. Em *afiosa*, no PR, há equilíbrio na distribuição percentual de ambas as variantes: 49,18% de [j] face a 50,82% de [e]. Já em SP, predomina em 72,03% das respostas a ocorrência da vogal alta em relação aos 27,97% da vogal média.

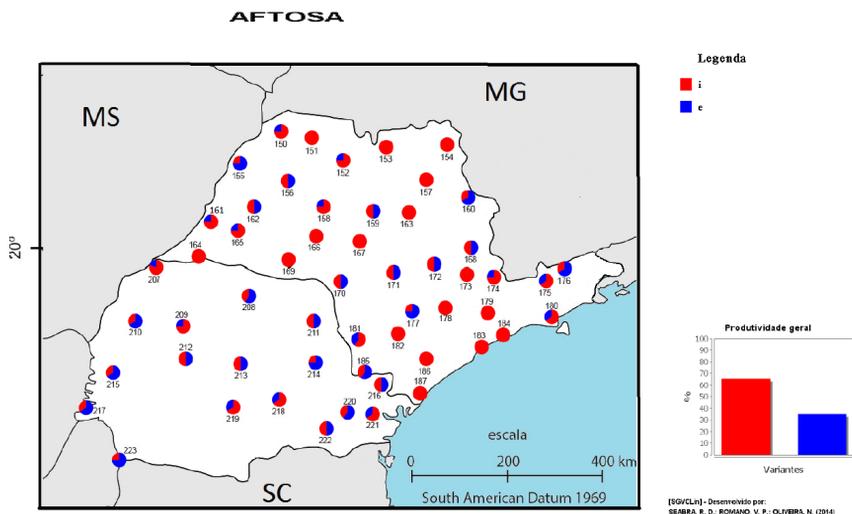
No que se refere a *pneu*, ambos os estados apresentam maior incidência da vogal média, entretanto a maior produtividade foi registrada no PR (83,58%), embora, em números absolutos, haja menor quantidade de ocorrências. Em SP, a vogal média figura, aproximadamente, em 79% e a vogal alta ocorre em 21,05%. Para *advogado*, observa-se, em SP, a predominância da vogal [j] (67,76%), ao passo que, no PR, a maior incidência se registra para a vogal média (55,22%).

A partir do software [SGVCLin], foram geradas cartas linguísticas para cada um dos vocábulos⁴. Trata-se de *cartas diatópicas* com a produtividade das variantes por ponto linguístico⁵ e *cartas de isófonas*, que apresentam a área de ocorrência das variantes, bem como o percentual de produtividade.

⁴ As cartas apresentadas neste estudo são experimentais, elaboradas *ad hoc* a partir da ferramenta [SGVCLin].

⁵ De acordo com a metodologia do Projeto ALiB, os pontos linguísticos (municípios) são identificados por números. Maiores detalhes da rede de pontos em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>.

A Figura 2 ilustra a distribuição de ambas as variantes para o vocábulo *aftosa* no PR e em SP. A partir da leitura da carta, verifica-se que, no PR, as vogais suarabácticas se alternam nas 17 localidades que compõem a rede de pontos do estado. Ademais, a vogal média atinge produtividade máxima em dois pontos linguísticos: 214 (Piraí do Sul) e 223 (Barracão), cuja ocorrência representa 75% das respostas nessas localidades. Por outro lado, a vogal [ɛ] apresenta maior produtividade em duas localidades, ponto 209 (Terra Boa) – 75% e ponto 207 (Nova Londrina) – 87,5%.



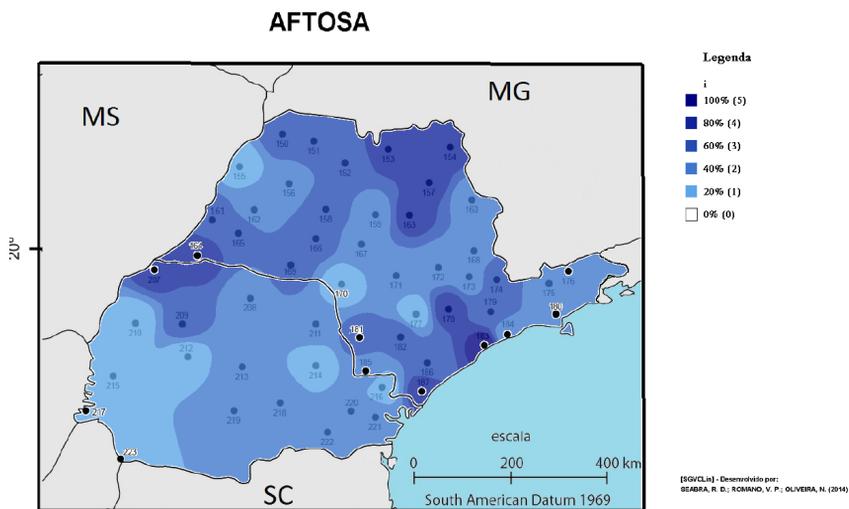
Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) - carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]
Figura 2: Distribuição diatópica das vogais suarabácticas [ɛ] e [i] nos estados de SP e PR para *aftosa*

No estado de São Paulo, dos 38 municípios que compõem a rede de pontos, em 17 deles não há a alternância no uso das vogais em *aftosa*, sendo registrada apenas a vogal alta. A vogal média apresenta maior índice de ocorrência apenas em duas localidades – pontos 155 (Andradina) e 177 (Itapetininga), cujo percentual figura em 75%.

As Figuras 3 e 4 apresentam, respectivamente, as isófonas da vogal alta [ɛ] e vogal média [i], evidenciando as regiões que apresentam maior e menor produtividade das vogais suarabácticas para *aftosa*.

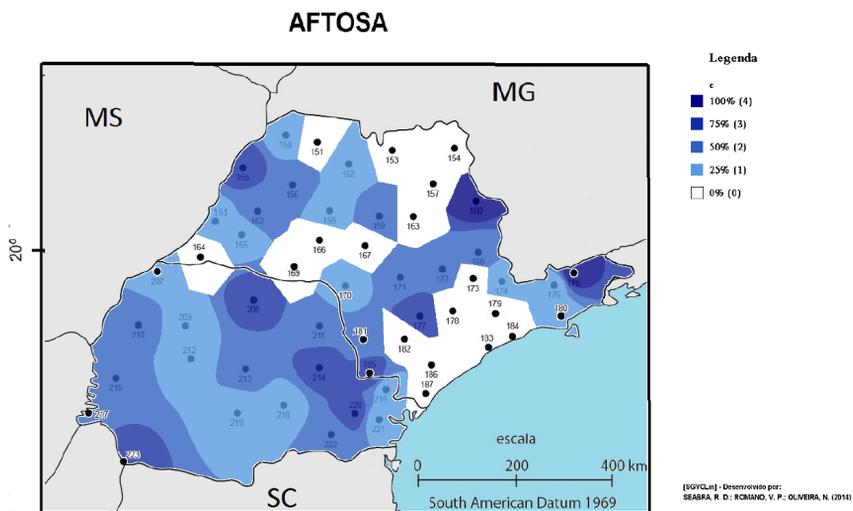
Na Figura 3, observa-se que a vogal alta ocorre em todas as localidades, apresentando-se com 100% de ocorrência em uma localidade do litoral paulista (ponto 183 – Itanhaém). A vogal alta também se apresenta mais produtiva (80%) em três cidades localizadas no noroeste paulista (pontos 153 – Barretos, 154 – Franca, 157 – Ribeirão Preto), em duas localidades do interior (ponto 163 – Araraquara e 178 – Sorocaba), em uma localidade do litoral sul do estado de SP (187 – Cananóia), no oeste deste estado (ponto 164 – Teodoro Sampaio) e noroeste paranaense (ponto 207 – Nova Londrina).

Encontram-se também dois grandes feixes de isófonas da vogal [ɨ] que perpassam o estado de SP em sentido transversal, com produtividade de 60%: (i) o primeiro feixe contempla o norte de SP, partindo do ponto 150 (Jales) em direção ao noroeste paranaense (ponto 209 – Terra Boa) e (ii) o segundo parte do Vale do Paraíba (174 – Bragança Paulista), adentra a região metropolitana da capital, atingindo localidades do litoral sul paulista, expandindo-se até uma localidade do interior do estado (ponto 181 – Itararé).



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 3: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɨ] nos estados de SP e PR para *aftosa*



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 4: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɛ] nos estados de SP e PR para *aftosa*

Quanto às áreas de isófonas da vogal média, a Figura 4 apresenta maior distribuição no território paranaense, contemplando todas as localidades com índice de produtividade no intervalo de 25% a 75%. No Paraná, cidades como Curitiba (ponto 220), Piraí do Sul (ponto 214) e Barracão (ponto 223) apresentam o maior índice da vogal [ɛ] para *aftosa* (75%). Dois feixes de isófonas ocorrem em 50% dos registros: (i) o primeiro localiza-se na porção oeste do PR (pontos 210 – Umuarama, 215 – Toledo e 217 – São Miguel do Iguazu) e (ii) o segundo feixe parte do sul do PR (ponto 222 – Lapa) em direção ao centro e norte do estado (ponto 211 – Tomazina). Estes dois feixes estão separados por uma faixa intermediária que atravessa o estado no sentido transversal (do noroeste ao sul), cuja ocorrência de [ɛ] figura em 25%. Este mesmo índice encontra-se no leste do PR, presente em duas localidades (216 – Adrianópolis e 221 – Morretes).

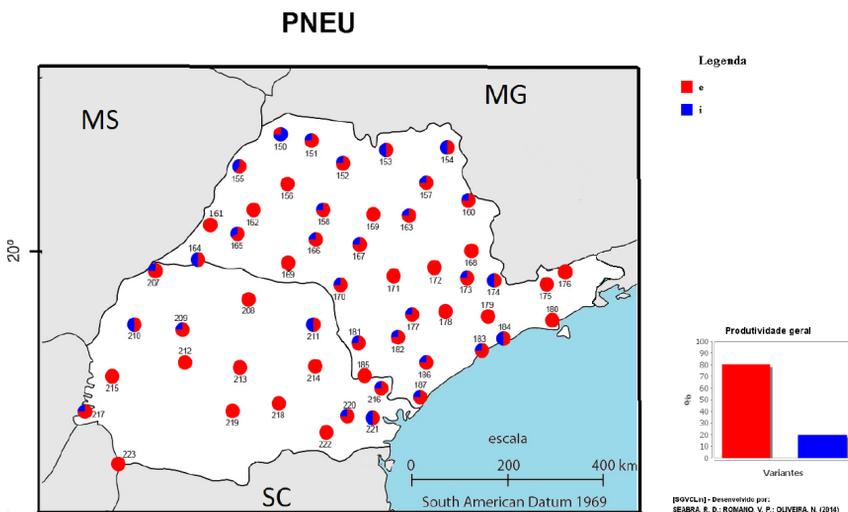
No estado de São Paulo, no entanto, a área de ocorrência da vogal [ɛ] para *aftosa* apresenta distribuição diatópica irregular. Verifica-se que há cidades

paulistas em que não está registrado tal segmento. Todavia, observa-se que o maior índice de ocorrência da vogal [ɛ] localiza-se em duas cidades paulistas (160 – Mococa, 176 – Guaratinguetá), com 100% das respostas.

Quanto a *pneu*, observa-se comportamento diferenciado em relação à *afiosa*, havendo preferência, na maioria dos pontos, pela vogal suarabáctica [ɛ] (Figuras 5, 6 e 7).

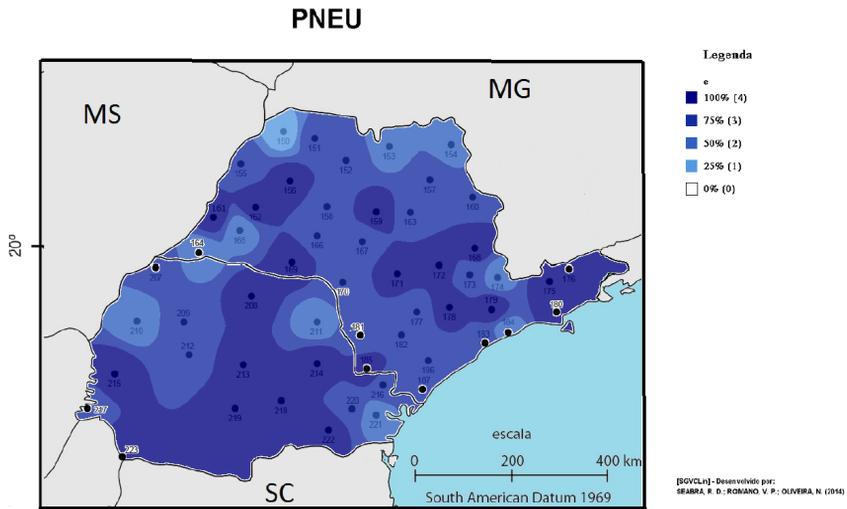
Nas Figuras 5 e 6, é possível visualizar que, em muitos dos pontos linguísticos de SP e PR, a vogal suarabáctica [ɛ] apresenta-se de forma produtiva, atingindo 100% de ocorrência em 22 localidades. Em uma ampla área de ambos os estados, a vogal [ɛ] varia de 50 a 75%, contemplando 32 pontos linguísticos. Apenas em uma localidade – ponto 150 (Jales), esta vogal apresenta-se em 25% das respostas. Por outro lado, a maior incidência da vogal alta ocorre neste ponto linguístico com 100% de produtividade.

Na Figura 7, observa-se que há pontos isolados em ambos os estados em que a vogal alta representa 66% das ocorrências, e uma ampla área do território paulista em que essa vogal ocorre com 33%, bem como áreas no estado de SP e, principalmente, do PR, em que não há o registro da vogal.



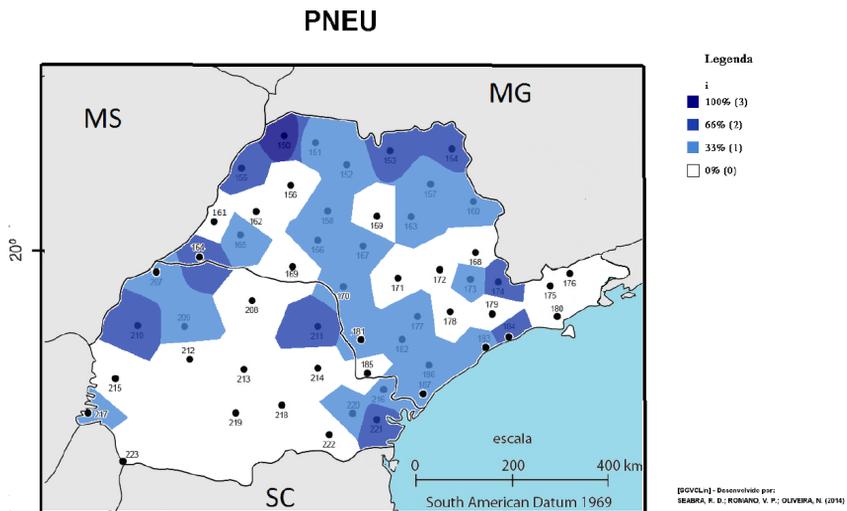
Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 5: Distribuição diatópica das vogais suarabácticas [ɛ] e [i] nos estados de SP e PR para *pneu*



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

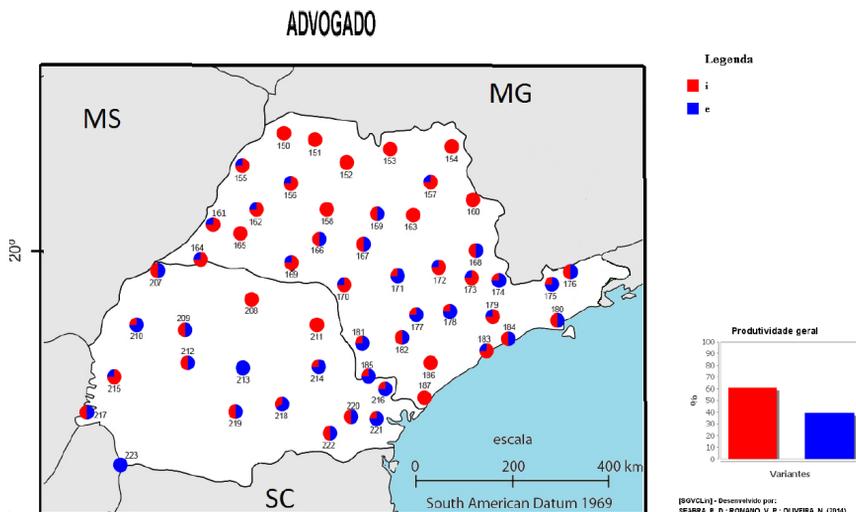
Figura 6: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɛ] nos estados de SP e PR para *pneu*



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 7: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɪ] nos estados de São Paulo e Paraná para *pneu*

Para o vocábulo *advogado*, observa-se a presença da vogal alta e média em ambos os estados (Figura 8).



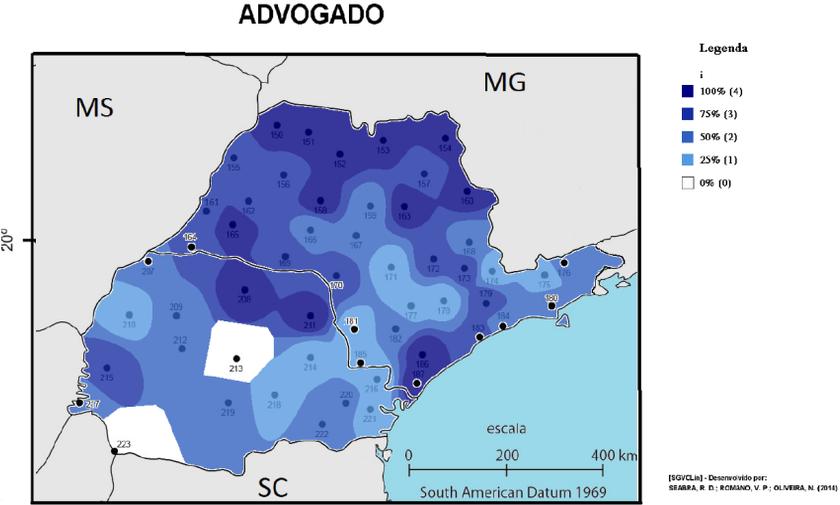
Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 8: Distribuição diatópica das vogais suarabácticas [ɨ] e [ɛ] nos estados de SP e PR para *advogado*

Quanto à vogal [ɛ] (Figura 10), a maior produtividade observa-se em dois pontos paranaenses (213 – Cândido de Abreu e 223 – Barracão). O índice de 75% ocorre no PR, contemplando o leste deste estado, por onde atinge em feixe contínuo o interior de SP (Sorocaba - 178). Este percentual ocorre também em duas localidades do Vale do Paraíba (pontos 174 – Bragança Paulista e 175 – Taubaté). O índice de incidência de 25 a 50% contempla a maioria das localidades. Verifica-se ainda que cidades do norte paranaense, localidades do litoral sul de SP e ampla faixa territorial do norte paulista não registram a vogal [ɛ] para *advogado*.

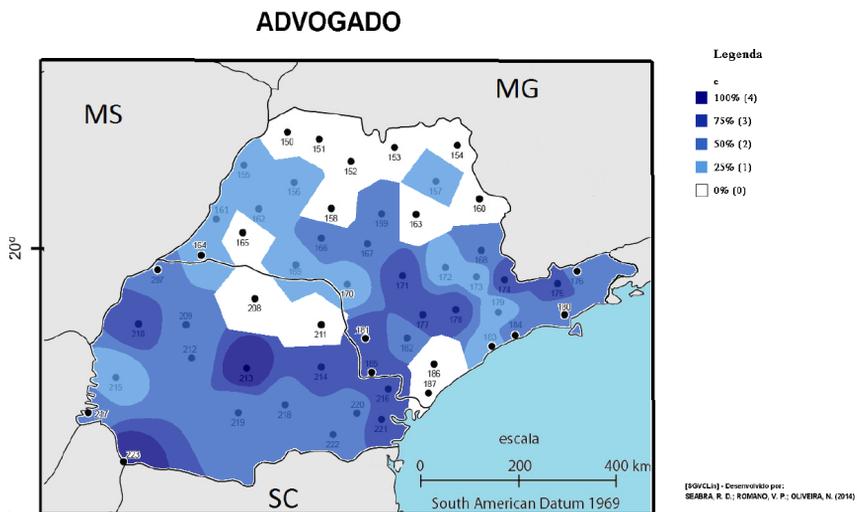
No PR, a vogal alta apresenta-se com 100% de produtividade em duas localidades do norte do estado: pontos 208 (Londrina) e 211 (Tomazina). Nas demais localidades, registra-se o índice de 25 a 50%. Em SP, por sua

vez, verifica-se maior número de localidades em que este segmento vocálico ocorre, principalmente, no norte deste estado e em um ponto do interior e litoral sul, em que há registro de 100%.



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 9: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɨ] nos estados de SP e PR para *advogado*



Fonte: Banco de dados do ALiB (2014) – carta linguística elaborada *ad hoc* no [SGVCLin][®]

Figura 10: Áreas de isófonas da vogal suarabáctica [ɐ] nos estados de São Paulo e Paraná para o vocábulo *advogado*

Os dados foram submetidos, ainda, ao tratamento estatístico a partir do software *GoldVarb 2001*.

3.3 Resultados do *GoldVarb 2001*

A primeira rodada dos dados apresentou um total de 642 registros. Entretanto, nos primeiros resultados, foi observado *KnockOut* no grupo (v) – contexto precedente – no que se refere à ocorrência da consoante africada sonora [dʒ]. Quando ocorreu a africada, categoricamente, não se registrou a vogal média, ou seja, a regra variável não se aplica neste contexto. Desse modo, foi desconsiderado este fator para as rodadas subsequentes.

De acordo com o relatório da binomial, os grupos de fatores mais significativos para a aplicação da regra [ɐ] > [ɛ], em ordem de relevância, são: (v) contexto precedente; (vi) contexto seguinte; (ii) faixa etária; (iii) estado; (iv) posição no vocábulo.

Quanto ao contexto precedente à vogal, os testes estatísticos apresentam a seguinte distribuição (Tabela 4):

Tabela 4: Aplicação da regra [ʒ] > [e] segundo o contexto precedente

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Fricativa lábio-dental surda [ʃ]</i>	68/201	33	0,13
<i>Fricativa lábio-dental sonora [v]</i>	1/2	50	0,27
<i>Oclusiva bilabial surda [p]</i>	176/219	80	0,36
<i>Oclusiva alveolar sonora [d]</i>	86/100	86	0,99
<i>Total</i>	331/522	63%	

Input: 0,48

Significância: 0,001

Observa-se que a oclusiva alveolar sonora [d] é favorável à aplicação da regra (Pr: 0,99), enquanto os demais contextos são desfavoráveis, embora, em dados percentuais, se verifique uma tendência para o uso de [e] quando o contexto precedente é uma oclusiva bilabial surda [p]. Foi baixa a ocorrência de consoante fricativa lábio-dental sonora [v] (apenas duas) como contexto precedente, tratando-se, neste caso, de uma sonorização da fricativa lábio-dental surda [ʃ] em *afrosa*. As duas ocorrências de fricativa lábio-dental sonora figuram uma com a vogal [e] e outra como vogal alta anterior [i].

Em um primeiro momento, o resultado da binomial selecionou o contexto seguinte como um grupo de fatores que se apresentava interessante para a aplicação da regra, porém, no final do relatório, observa-se que o grupo (vi) foi excluído (Tabela 5).

Tabela 5: Aplicação da regra [ʒ] > [e] segundo o contexto seguinte

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Oclusiva alveolar surda [t]</i>	69/204	33	0,79
<i>Nasal alveolar sonora [n]</i>	80/219	80	0,83
<i>Fricativa lábio-dental sonora [v]</i>	86/219	39	0,05
<i>Total</i>	331/642	51	

Input: 0,48

Significância: 0,001

Nota-se que os contextos seguintes: nasal alveolar [n] e oclusiva alveolar surda [t] são favoráveis à aplicação da regra, enquanto a fricativa lábio-dental sonora [v] se constitui como um contexto desfavorável. A partir desses dados, pode-se inferir que *pneu* e *aflosa* favorecem a aplicação da regra, uma vez que são estes os itens lexicais que apresentam como contexto seguinte à vogal suarabáctica uma nasal alveolar sonora e oclusiva alveolar surda, ao passo que *advogado* não favorece a regra. Entretanto, pelo fato de o programa ora considerar ora desconsiderar a variável linguística contexto seguinte, esta variável recebe caráter duvidoso.

Quanto à faixa etária, a Tabela 6 apresenta o seguinte panorama:

Tabela 6: Aplicação da regra [ʒ] > [e] segundo a faixa etária do informante

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Faixa 1 (18 a 30 anos)</i>	118/313	37	0,34
<i>Faixa 2 (50 a 65 anos)</i>	213/329	64	0,65
<i>Total</i>	331/641	51	

Input: 0,48

Significância: 0,001

O grupo indica que, entre os informantes da faixa 1, a regra não tende a se aplicar, mostrando que a maioria desses informantes utiliza a vogal [ʒ]. Por outro lado, entre os informantes da faixa 2, a regra tende a se aplicar (Pr: 0,65), predominando a vogal média em 64% das respostas.

O grupo de fatores (iii) – estado – também foi considerado relevante para a aplicação da regra (Tabela 7).

Tabela 7: Aplicação da regra [ʒ] > [e] segundo o estado

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>PR</i>	124/196	63	0,65
<i>SP</i>	207/466	46	0,43
<i>Total</i>	331/642	51	

Input: 0,48

Significância: 0,001

Conforme se observa, no PR, há maior probabilidade da regra acontecer (Pr: 0,65), pois das 196 ocorrências, 124 são com vogal suarabática [ɛ]. No estado de SP, predomina o uso da vogal [i], desfavorecendo a aplicação da regra (Pr: 0,43), embora a diferença do peso relativo e dos dados percentuais não seja tão discrepante em relação ao uso da vogal majoritária [i].

A última variável selecionada na melhor rodada (*up run*) foi o grupo de fatores (i) posição no vocábulo (Tabela 8).

Tabela 8: Aplicação da regra [i] > [e] segundo a posição no vocábulo

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Inicial</i>	215/295	73	0,65
<i>Medial</i>	116/347	33	0,37
<i>Total</i>	331/642	51	

Input: 0,48

Significância: 0,001

A vogal suarabática em posição inicial propicia a aplicação da regra, predominando em 73% das ocorrências. Por outro lado, a regra é desfavorecida em contexto medial (Pr: 0,37) e ocorre apenas em 33% dos casos. Os resultados do GoldVarb 2001 não indicam que a variável sexo interfere na aplicação da regra, portanto, o grupo (i) foi desconsiderado nos resultados da binomial (Tabela 9).

Tabela 9: Aplicação da regra [i] > [e] segundo o sexo do informante

Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Homem</i>	173/326	53	0,51
<i>Mulher</i>	158/315	50	0,48
<i>Total</i>	331/641	51	

Input: 0,516

Significância: 0,472

Observa-se que a variável sexo não favoreceu nem desfavoreceu a aplicação da regra, uma vez que os pesos mantiveram-se próximos a 0,5, bem como os dados percentuais e o número de ocorrências.

Diferentemente, o grupo de fatores (vii) – item lexical – não foi excluído, porém, também não foi considerado na melhor rodada. O programa não listou este grupo como uma variável que interfere na aplicação da regra (Tabela 10).

Tabela 10: Aplicação da regra [z] > [e] segundo o item lexical

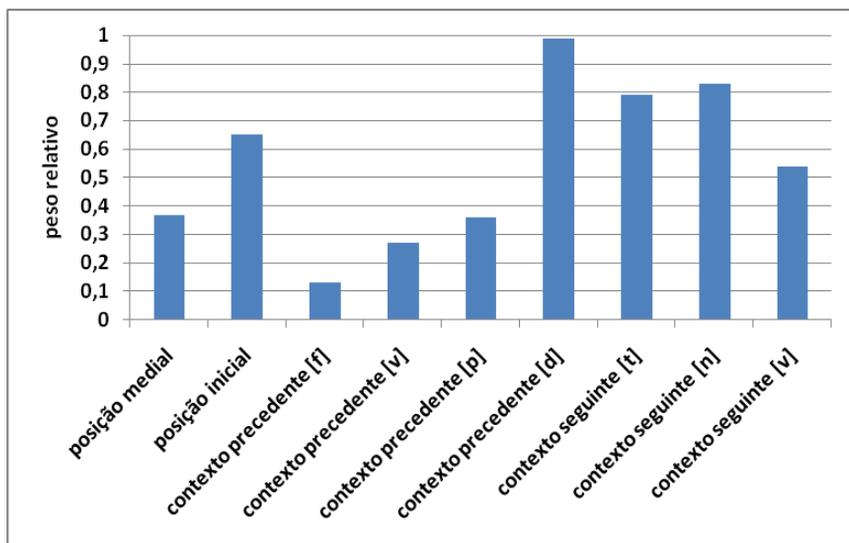
Fatores	Aplicação/ Total	%	Peso relativo (Pr)
<i>Aftosa</i>	69/202	34	0,31
<i>Pneu</i>	176/220	80	0,78
<i>Advogado</i>	36/229	39	0,36
<i>Total</i>	331/641	51	

Input: 0,530

Significância: 0,000

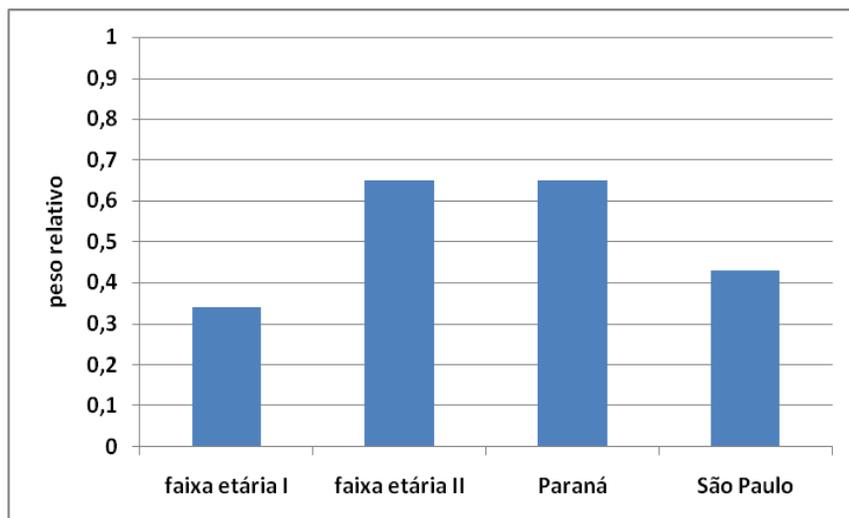
Os vocábulos *aftosa* e *advogado* não favorecem a aplicação da regra (Prs: 0,31 e 0,36, respectivamente). Por outro lado, *pneu* comporta-se como um item que favorece a ocorrência da vogal média. Embora os resultados dos testes estatísticos não tenham selecionado este grupo de fatores, observa-se que há maior tendência à aplicação da regra no vocábulo *pneu*, conforme conclusões inferidas a partir do contexto seguinte (Tabela 5).

Em síntese, considerando-se apenas os pesos relativos das variáveis selecionadas na melhor rodada, as Figuras 11 e 12 ilustram a discussão.



Fonte: *GoldVarb 2001*

Figura 11: Grupos de fatores selecionados na melhor rodada segundo as variáveis linguísticas



Fonte: *GoldVarb 2001*

Figura 12: Grupos de fatores selecionados na melhor rodada segundo as variáveis extralinguísticas

Entre as variáveis linguísticas, observa-se que posição inicial, contexto precedente, oclusiva alveolar sonora [d] e contexto seguinte ([t], [n] e [v]) favorecem a aplicação da regra [ɨ] > [e]. Em contrapartida, posição medial e contexto precedente ([f], [v], e [p]) desfavorecem a regra, ou seja, o uso da vogal média. Entre as variáveis extralinguísticas, a faixa etária 1 e o estado de SP desfavorecem, ao passo que faixa 2 e o estado do PR favorecem o uso da vogal média.

Conclusões

Com base nos trabalhos consultados, observa-se a presença da epêntese vocálica como característica comum ao português europeu e o brasileiro, e está presente na história da língua na passagem do latim para as línguas românicas, realizando-se de forma variável quanto à qualidade da vogal para desfazer encontros consonantais impróprios, os casos de suarabácti

De acordo com a literatura da área, observa-se uma tendência ao apagamento desta vogal no português europeu, ao passo que, no português brasileiro, a presença da vogal se dá, inclusive, entre as pessoas cultas, como uma forma de evitar estruturas silábicas não-possíveis. Nascentes (1953, p. 57), todavia, associa a presença da ‘vogal parasitária’ às pessoas incultas e atribui a qualidade desta vogal à natureza do segmento vocálico tônico com que a vogal átona tende a harmonizar-se.

O estudo permite concluir que quanto à faixa etária, (i) em *aftosa*, predomina a vogal alta [ɨ] entre os informantes da primeira faixa e, entre os informantes da segunda, há equilíbrio no uso da vogal alta ou média; (ii) *pneu* apresenta alta produtividade da vogal média em ambas as faixas; e (iii) *advogado* figura com vogal alta, predominantemente, entre os informantes da faixa 1, ao passo que, entre os da faixa 2, predomina o uso da vogal média.

Quanto à variável sexo, pode-se tirar duas conclusões: (i) homens e mulheres preferem vogal alta em *aftosa* e *advogado*, predominando, entretanto, maior produtividade entre as mulheres no uso dessa vogal; e (ii) há a inversão na produtividade das vogais suarabácticas na realização de *pneu*, predominando, sobretudo, entre as mulheres, o uso da vogal média.

Quanto ao estado, nas localidades paranaenses, há maior uso da vogal média, principalmente, em *aftosa* e *advogado* em relação às cidades paulistas

que, para estes mesmos vocábulos, apresentam maior produtividade da vogal alta. Por outro lado, para *pneu*, verifica-se maior incidência da vogal média tanto em SP quanto no PR, neste último tendendo ao equilíbrio entre as variantes.

Referências

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; INL, 1982 [1920].
- BOLÉO, M. de P. *Brasileirismos: problemas de método*. Separata da Brasília, v. III. Coimbra: Coimbra, 1943.
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática história: segundo grau e vestibulares*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Sílabas de Junko Itô (1986). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 149-158, 1996.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela Teoria da Otimalidade. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 285-318, 2000.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 205-230.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralingüísticas. *Letras*, Curitiba, n. 61 (esp.), p. 285-297, 2003.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do Sul do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 61-78, 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3875/3113>>.

- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, n. 5, p. 199-230, 1986. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/CELSOCUNHA.pdf>. Acesso em: 27 maio 2014.
- ELIA, S. *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1963.
- LEE, S.-H. Epêntese no português. *Estudos Lingüísticos XXII*. Anais de Seminários do GEL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993. v. 2. p. 847-854.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].
- MASSINI-CAGLIARI, G. Epêntese e paragoge: processos fonológicos distintos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABRALIN, 2000. p. 400-410.
- MIGLIORINI, L. Revistando a paragoge em português arcaico sob a ótica da Fonologia Lexical. *Revista Eutomia*, a. 3, v. 2, p. 1-17, 2010.
- MIGLIORINI, L.; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese vocálica no português brasileiro: regra lexical ou pós-lexical? *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 72-84, 2011.
- MONTEIRO, C. *A linguagem dos cantadores*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1933.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Trad. Mário Eduardo Viário. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, A. J. de. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. *RELin*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 93-119, 2009.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science. York, Canada: University of York, 2001.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [fGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *RELin*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: INL, 1950.

SPSS for Windows. Version 17.0. [S.l]: IBM, 2008. 1 CD-Rom.

TEIXEIRA, J. A. *O falar mineiro*. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo; Departamento de Cultura, 1938.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

Recebido em: 15/04/2016

Aceito em: 22/09/2016